

Valter Guimarães Soares, Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja, Salvador, Edufba, Feira de Santana, Eduefs, 2006. 157 p. ISBN 85-23205-77-5.

É [o baiano] loquaz, polido, sentimental e amabilíssimo. [...] A riqueza em sua mão é generosa.

O traço humano de seu espírito é a bondade, é a franqueza, é o discernimento.

Revista Bahia Ilustrada, abril de 1921.

Mesmo para um leitor descuidado, esse recorte em epígrafe provoca forte estranhamento porque os qualificativos relacionados nessa descrição do baiano diferenciam-se bastante dos elementos que, aos olhos de boa parte da população brasileira, integram a “baianidade”. Onde estão a alegria, a negritude, o modo festivo de ser, a hospitalidade e a indisposição para o trabalho, tão “tipicamente” baianos?

Essa surpresa pode nos levar a pensar – nós, estudantes de história que somos – no caráter histórico da construção das identidades regionais e nas observações feitas a esse respeito por alguns dos influentes historiadores franceses que, nos anos de 1970 e 1980, foram em busca da atualização da *Nova História* em face da corrosão do lugar social e institucional da “história das mentalidades”.

Interessado nessa mesma temática da elaboração de identidades baianas e tributário, em boa medida, daquela “viragem antropológica francesa” de que fala Peter Burke, Valter Guimarães Soares publicou no ano corrente o seu livro *Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja*, originalmente dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultu-

ral da Universidade Estadual de Feira de Santana e que a partir de agora passo a resenhar.

Atualmente, Soares é aluno pós-doutorando da linha de pesquisa Cultura e Sociedade da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia – onde cursou a graduação –, desenvolvendo um trabalho em que investiga o surgimento das formulações “imagéticas” sobre o sertão e a Bahia, notadamente a partir dos anos de 1940, usando como fonte materiais produzidos por grandes escritores baianos – Jorge Amado, Wilson Lins, Walfrido Morais, etc. –, pela imprensa baiana e por entidades como o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e a Academia de Letras da Bahia. *Cartografia da saudade* guarda semelhanças com essa segunda pesquisa. Trata-se de uma descrição e análise do empreendimento intelectual realizado pelo poeta, cronista e ensaísta feirense Eurico Alves Boaventura.

Nascido em 1909 e falecido em sua cidade natal em 1974, depois de se ter formado em Salvador e, posteriormente, esquadrihar os sertões da Bahia no exercício da magistratura jurídica, Alves demonstrou, desde o início de sua trajetória intelectual, paixão pela arte literária. Seu talento foi reconhecido por

Carlos Chiacchio, que o convidou para integrar um grupo de jovens divulgadores da estética modernista na Bahia organizados em torno da revista Arco & Flecha.

Embora a sua sensibilidade artística tenha apreciado o futurismo e a vida moderna urbana – enquanto viveu na capital –, essa primeira “fase” foi substituída por uma segunda, em que pesou a experiência anterior de vida que então se enriqueceu graças às viagens que realizou pelos sertões baianos. A partir desse momento, Boaventura propôs-se, sobretudo no longo ensaio “Fidalgos e vaqueiros”, a escrever sobre esse espaço geográfico, cultural e histórico, descrevendo-o em suas qualidades, contra os preconceitos e as depreciações que então lhe dirigiam as elites intelectuais do litoral e em oposição à displicência dos próprios sertanejos.

O empenho de Soares em estudar o belíssimo resultado desse esforço – poemas, crônicas, ensaios, mensagens – explica-se em parte pelo prazer que sempre nutriu pela literatura, desde os tempos de sua graduação – tempos áridos para os estudos históricos sobre essa arte na Faculdade de Filosofia –, e também pela relação telúrica e afetiva que manteve e mantém com o sertão – espaço onde viveu boa parte de sua vida. Observe o leitor, então, que Guimarães Soares é, de alguma forma, uma “representação” do seu próprio objeto Eurico Alves.

O seu livro estrutura-se em três capítulos. No primeiro, o poeta Alves é inserido num contexto histórico, principalmente intelectual, dos mais ricos do Brasil – anos de 1920 e 1930. No segundo, talvez o mais importante, descrevem-se, com citações literais, a

cartografia discursiva euriquiana e suas dissonâncias e confirmações a respeito do que escreviam Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodré, Capistrano de Abreu e outros ilustres do pensamento social brasileiro. E, finalmente, no último capítulo, Soares evidencia a angústia que moveu Eurico Alves e a sua saudade de um mundo tradicional que então se diluía em razão do avanço da modernidade, apontando, portanto, para o seu conservadorismo; procura, nessa seção, classificar Alves entre historiador ou memorialista. O texto ainda traz uma introdução, em que o autor delimita o objeto e seus pressupostos de leitura, e uma conclusão, em que se retomam as lições gerais da argumentação desenvolvida em torno da obra.

Esse esquema e a disposição dos assuntos são bem inteligentes. Realmente, as “condições de possibilidade” para a poesia de Alves Boaventura dizem respeito a um contexto intelectual específico que não poderia deixar de ser explanado, sob pena de não se compreender bem o seu significado. Quanto às citações literais, não se preocupe o leitor, pois elas não são excessivas como em geral ocorre em trabalhos acadêmicos, e Soares bem sabe respeitar a capacidade do leitor em ler e interpretar o que está escrito nas passagens do poeta. Entretanto, acredito que os capítulos poderiam ser mais concentrados nos temas enunciados, evitando algumas repetições e adiantamentos dos objetos tratados posteriormente, pois esse equívoco não permite ao leitor uma apreciação perfeita das inquietações do tempo de Alves.

Embora Soares se mostre aberto ao diálogo com diferentes autores, inclu-

sive marxistas, destaca-se sobre os seus escritos a forte influência da obra de um historiador brasileiro e um francês. Na defesa de sua tese central, apoia-se com firmeza na explicação de Durval Muniz de Albuquerque para a emergência da identidade nordestina, ocorrida a partir dos anos de 1920 e que se expressou nos mais diversos campos do saber. Talvez o seu trabalho possa ser visto como um estudo de caso confirmando a explicação de Albuquerque sobre o motivo de Eurico Alves integrar a gama de pensadores que formularam identidades para o sertão-nordeste. Por outro lado, na marca dessa influência, Cartografia da saudade revela a sua fraqueza: o fato de apresentar uma contextualização histórica baseada em pesquisa de fontes secundárias.

O leitor reconhecerá que a possibilidade da defesa e a própria concepção do texto parecem depender da posição central que a crença na “substancialidade” da linguagem ocupa na maneira como pensa Guimarães. Essa crença, por sua vez, baseia-se na adoção do conceito de “representação”, que possibilita uma inusitada maneira de se conceber a literatura, ou seja, como “dizer instituidor da realidade”, conforme preconiza o próprio forjador daquela noção - Roger Chartier, o segundo pensador a influenciar Soares. Assim, em Cartografia da saudade, os escritos euriquianos não são apenas usados como documentos a serem comparados à realidade histórica, mas como textos capazes de criar identidade mediante a função pedagógica e, dessa forma, “criar o real”, segundo Guimarães.

Esse conceito não deixa de ser altamente incômodo a um leitor não familiarizado nem adepto dessa “histó-

ria cultural do social”. Em seus desenvolvimentos, essas crenças “neo-sofísticas” parecem exigir uma constante diluição das fronteiras entre a literatura e a historiografia e a nivelação de seus conteúdos e mensagens, o que se me afigura como algo negativo. Seriam tais proposições algum tipo de desconsideração pelo escrúpulo ético do pesquisador em buscar sempre a explicação mais plausível para as informações apresentadas pela documentação? Qual a extensão desse conceito?

Embora retrate bem a “luta de representações” travada entre Alves e os intelectuais da sua época - luta de bainhas sem espadas -, Soares não explorou bem um potencial do conceito, importantíssimo: a preocupação pelas “apropriações do discurso” e suas repercussões sociais. Apenas indica o grupo de leitores enunciado, em seu livro, pelo próprio Boaventura, o seu horizonte de audiência ou recepção, mas não afirma se tais pessoas realmente leram essa obra. Ou seja, quem leu ou deixou de ler os textos de Eurico Alves? Que tipo de interpretações se realizou?

Entretanto, é preciso ter em mente as dificuldades que envolveriam uma pesquisa dessa natureza e que tais detalhes não afetam a qualidade da obra que acabo de resenhar. O seu valor baseia-se no carinho com que o autor empreendeu a pesquisa e a escritura do texto... poético texto. Seu valor baseia-se também na grandiosidade da obra de Eurico Alves, pois o próprio fato de que nos é estranha a imagem euriquiana do sertão é um claro indício de que algo falhou em seu projeto. Talvez, a médio prazo, a sua versão não tenha repercutido tanto quanto outras. No entanto, confere riqueza aos seus trabalhos a maneira como pôde mesclar ciência,

arte, memória e experiência de vida em um mesmo trabalho. Também se mede, portanto, a importância de Cartografia da saudade – um bom exemplar de história cultural sobre um poeta sertanejo – por ele ser um livro divulgador da obra desse genial artífice e por ter conservado sua memória, além de ter tratado de um tema tão fascinante quanto o sertão.

De uma maneira geral, esse livro é valioso por demonstrar um uso preciso dos conceitos da história cultural e, principalmente, por nos ensinar que, em história, a literatura pode ser usada não somente como mais um documento a ser comparado com a realidade, ou como texto em que o real a influencia, mas sobretudo como uma elaboração que “institui esse real” por criar identidades.

Jonas Brito

Graduando em História
Universidade Federal da Bahia